



A Estratégia Peninsular de Wellington Portugal e as Linhas de Torres Vedras

Donald D. Howard
Florida State University

Durante o período revolucionário, a França Napoleónica embrenhou-se num combate mortal com a maior parte da Europa durante mais de vinte e três anos¹. Esta luta foi marcada por vários acontecimentos cruciais que tiveram um impacto dramático sobre o futuro da Europa. As vitórias francesas na Itália, a destruição do Exército Austro-Russo em Austerlitz e as vitórias estrondosas sobre os Prussianos e Russos, em Jena e Friedland respectivamente, transformaram a Europa numa coutada francesa. De um modo semelhante, as vitórias aliadas na campanha russa e nas batalhas de Leipzig e Waterloo mudaram a estrutura da Europa. Na Península, os sucessos aliados como os de Bailen, Bussaco, Salamanca e Vitória tiveram um impacto devastador sobre a estratégia francesa, mas é discutível se qualquer destes acontecimentos teve um efeito mais significativo sobre o curso das Guerras Napoleónicas do que um combate pouco conhecido que ocorreu a 12 de Outubro de 1810 na insignificante aldeia do Sobral, situada nas montanhas de Portugal, longe do centro da Europa. Nesse dia, um exército francês sob o comando de um velho, famoso e admirado marechal, André Massena, foi travado já perto de Lisboa por um conjunto de fortes, conhecidos na história por Linhas de Torres Vedras. O vexame em Sobral veio a ser o ponto alto da expansão francesa na Península Ibérica. As consequências deste revés foram extremamente surpreendentes. Viriam a servir como agente catalisador para futuros acontecimentos na Europa.

Como “pagador da Europa”, a Inglaterra representou um papel crucial ao subsidiar aqueles que procuravam resistir ao forte desejo de Napoleão pela hegemonia europeia. Forças expedicionárias foram periodicamente enviadas para o Continente Europeu para apoiarem qualquer nação desejosa de fazer frente aos franceses. Embora a maior parte das suas actividades se centrasse nos Países Baixos e na Escandinávia, várias expedições foram enviadas para o Mediterrâneo. De grande importância nesta área foi a Península Ibérica, e mais particularmente o reino de Portugal que veio a ser um centro de operações durante quase seis anos.

Portugal era o mais velho aliado da Inglaterra, já desde o nascimento da nação portuguesa nos campos de Aljubarrota em 1385. As relações entre as duas nações tinham sido solidificadas por alianças de casamento, por tratados comerciais e por coligações durante um período de quatrocentos anos. Por esta razão, não foi uma surpresa que o governo francês considerasse Portugal como pouco mais do que um

¹ The author would like to express his gratitude to the international Service of the Calouste Gulbenkian Foundation of Lisbon, Portugal, for their encouragement and financial support in the completion of the research for this article.

satélite britânico, especialmente depois de se ter associado à Primeira Coligação contra a França Revolucionária em 1793. Em 1801 os exércitos franco-espanhóis invadiram Portugal na assim chamada “Guerra das Laranjas”. A Inglaterra não interveio militarmente para apoiar Portugal como já tinha feito tantas vezes no passado; antes que tivessem passado dezoito dias, o Príncipe Regente português, D. João, foi forçado a assinar o humilhante Tratado de Badajoz.

Nos anos seguintes, a corte portuguesa tornou-se num diplomático campo de batalha entre os diplomatas da França, da Espanha e da Inglaterra, mas D. João manteve uma tensa neutralidade. No entanto, em 1806, quando o Bloqueio Continental foi imposto por Napoleão, Portugal foi uma das poucas nações europeias que continuou a comerciar com a Inglaterra. Em consequência disto, no Outono de 1807, um exército francês, comandado pelo General Jean Andoche Junot, invadiu e ocupou o centro de Portugal, enquanto os exércitos espanhóis se apoderaram de Entre Minho e Douro e do Algarve. O Príncipe Regente fugiu para o Brasil e Portugal deixou de existir como reino independente².

Na Primavera de 1808, Napoleão mandou para a Espanha um exército de mais de 100.000 homens, manifestamente para apoiarem as operações em Portugal. Em resultado de uma série de actos beligerantes, incluindo a abdicação forçada da família real espanhola, a subida ao trono de José Bonaparte e a extensão do controlo francês ao noroeste de Espanha, o povo espanhol revoltou-se. A insurreição estendeu-se logo a Portugal, foram enviados representantes a Londres para pedir dinheiro, material e apoio militar. Entretanto, os espanhóis, apesar de séculos de hostilidade face à Inglaterra, também pediram dinheiro e armas para resistirem aos franceses.

Lord Castlereagh, Secretário de Estado da Guerra e das Colónias, secundado pelo Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, George Canning, concordaram no apoio a dar a ambas as nações na sua luta contra a França, mas o rio Tejo e Lisboa é que iam ser o principal teatro de operações³. Assim, em Julho de 1808, Sir Arthur Wellesley embarcou com um pequeno exército de 9.500 homens para se juntar aos portugueses e expulsar os franceses. Com a chegada de reforços, as forças de Wellesley derrotaram o exército francês de Junot no Vimeiro, a norte de Lisboa. Isolado e sem esperança de futuros recursos e apoio, Junot foi forçado a assinar a Convenção de Sintra, tomando as medidas necessárias para a retirada de Portugal. No entanto, a brandura e clemência dos termos da Convenção levaram a que Wellesley e outros generais britânicos recebessem ordens para se apresentarem perante um Tribunal de Inquérito, afim de justificarem as suas acções.

Em Janeiro de 1809, os franceses lançaram a segunda invasão de Portugal a partir do norte de Espanha. O Governo britânico respondeu mandando Wellesley de volta a Lisboa para assumir o comando de um exército britânico de 20.000 homens. Em cooperação com um pequeno exército português de 11.000 homens, comandado por um general britânico, William Carr Beresford, o exército de Wellesley avançou

² Napoleon Bonaparte, *Correspondence de Napoleon Ier publiée par ordre de l'Empereur Napoleon III* (Paris, 1858069), No. 13300, Convention Secrete, 27 October 1907, XVI, 140-42.

³ Arthur Wellesley, *The Dispatches of Field Marshall the Duke of Wellington during his various Campaign ... from 1799 to 1818*. Ed. John Gurwood (London, 1835-38), Frederick to Wellington, 14 June 1808; Castlereagh to Wellington, 15, 27 June, IV, 28-30, 27-30.

rapidamente para norte, surpreendeu o exército francês no Porto e empurrou-o em direcção a Espanha. Entretanto, o exército português comandado por Beresford avançou rapidamente pelas montanhas orientais numa tentativa de armar uma cilada aos franceses, que acabaram por chegar à fronteira com 5.000 baixas.

Com a bênção do Governo, Wellesley entrou, então, em Espanha para apoiar um grande exército espanhol na esperança de libertar Madrid. Os seus esforços em conjunto conduziram à vitória na sangrenta batalha de Talavera, apesar do fracasso dos espanhóis em apoiarem o exército britânico táctica e logisticamente. Wellesley, que tomou o nome de Visconde de Wellington após a batalha, ficou furioso com o fracasso do prometido apoio espanhol. Escreveu ao irmão, Richard, embaixador em Espanha: “Ou o exército britânico tem de ser alimentado e abastecido com tudo aquilo que é absolutamente necessário, ou eu marcharei com ele de volta a Portugal”⁴. Como os abastecimentos prometidos não chegaram, Wellington fez exactamente o que tinha dito - retirou-se em direcção à fronteira portuguesa. A sua retirada foi acelerada, quando soube que uma força francesa ameaçava cortar as suas comunicações com Portugal.

Uma vez regressado a Portugal, Wellington começou a avaliar novamente o papel do exército britânico na Península. A falhada estratégia em Talavera convenceu-o de que qualquer colaboração com exércitos espanhóis naquela altura estava fora de discussão. Pelo contrário, estava convencido de que Portugal podia ser segurado. Com efeito, mesmo antes de partir da Inglaterra, em Março de 1809, tinha preparado um minucioso memorando em que afirmava: “Sempre fui da opinião de que Portugal podia ser defendido, fosse qual fosse o resultado da luta em Espanha... Mesmo se a Espanha tivesse sido conquistada, os franceses não teriam a capacidade para invadir Portugal com uma força inferior a 100.000 homens”⁵. Ainda ficou mais convencido da validade da sua avaliação depois da batalha de Talavera. Declarou a Castlereagh: “Se os franceses vierem a apoderar-se do que resta da Península...a minha opinião é de que devemos ser capazes de segurar Portugal, se as milícias e o exército portugueses tiverem a sua formação concluída”⁶.

O exército britânico retirou-se em direcção à fronteira portuguesa e tomou posições à volta de Badajoz. Entretanto, Wellington dirigiu-se a Lisboa, onde oficiais seus já tinham recolhido importantes informações sobre a área do território a norte de Lisboa. Entre este material encontrava-se um relatório de muito interesse sobre o território entre o Tejo e o Oceano (Atlântico) da autoria do francês Coronel Vincent, que tinha acompanhado Junot a Portugal em 1808. Um valioso e mais pormenorizado relatório, que incluía um mapa e vinte e oito secções, tinha sido elaborado por um engenheiro português, major José Neves Costa, em Maio de 1808; apontava em pormenor as posições que podiam ser fortificadas para controlar os acessos a Lisboa⁷.

⁴ Ibid., Wellington to Richard Wellesley, 13, 24 August 1809, V, 34-35, 76-82. See also: Wellington to Castlereagh, 21, 25 August 1809, V, 73, 82-90.

⁵ Ibid., Memorandum on the Defense of Portugal, signed Wellington, 7 March 1809, IV, 261-63

⁶ Ibid., Wellington to Castlereagh, 25 August 1809, V, 73, 82-90.

⁷ Ibid., José da Luz Soriano, História da Guerra Civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal ... (Lisbon, 1866-92), “Memoria Militar em que se descrevem as posições defensivas do terreno vizinho e ao norte Lisboa”, 24 May 1808, IV, Segunda Epoca, 11-45; Christovam Ayres de Magalhaes Sepúlveda, Historia Orgânica e Política do Exército Português (Lisboa, 1913), “Coronel Vincent’s Report upon the defense of Portugal”, 22 June 1808; “Reconnaissance d’une portion de terrain en

Wellington visitou pessoalmente aquelas ótimas posições a norte da capital, acompanhado pelo seu engenheiro-chefe, Tenente-coronel Richard Fletcher. Vários dias foram passados a examinar as estradas, os rios, os caminhos, as montanhas e as aldeias que ponteavam a região. Baseado nos seus conhecimentos militares e no relatório de Neves Costa, Wellington ditou o seu notável memorando no dia 20 de Outubro, marcando as várias posições que deviam ser incluídas numa série de linhas que viriam mais tarde a ser conhecidas por Linhas de Torres Vedras e que viriam a ser um dos mais importantes e bem sucedidos sistemas de defesa jamais construídos. De acordo com a sua estratégia, Wellington explicou: “O grande objectivo em Portugal é a posse de Lisboa e do Tejo... há um outro objectivo, que devemos igualmente ter em atenção, a saber - o embarque das tropas britânicas no caso de um revés”⁸. Ao adoptar esta estratégia, Wellington estava a colocar o seu exército e a esperança da Inglaterra nas mãos dos engenheiros britânicos e portugueses que projectariam as Linhas, e dos portugueses que construiriam e armariam as Linhas, graças ao apoio de um extraordinário patriota, D. Miguel Pereira Forjaz, Ministro da Guerra, e da “Esquadra Vermelha” ancorada no Tejo sob o comando do Almirante George Cranfield Berkeley⁹. Baseado nas suas relações com estes dois homens, Wellington estava convencido de que podia confiar no seu empenhamento, nas suas capacidades e na sua lealdade. A confiança de Wellington não foi perdida.

Inicialmente, Wellington imaginou uma Linha de fortes, que se estenderia do Tejo ao Oceano com um pequeno número de posições isoladas à frente, mas um dos engenheiros britânicos, capitão John T. Jones, transformou estas posições avançadas numa outra Linha. Acabou-se por montar uma terceira Linha à volta da fortaleza de São Julião no Tejo, donde o exército podia ser evacuado¹⁰.

Cada um destes fortes independentes diferenciava-se no tamanho, na forma e no poder de fogo, mas estava adaptado à configuração do terreno; cada um tinha parapeitos de 5 pés de altura (cerca de 1,50 m) e banquetas, era rodeado por um fosso com 15 pés de largura (cerca de 4,50m) e 10 pés de profundidade (cerca de 3m) e era protegido por paliçadas. As guarnições variavam entre 50 a 500 homens. Muitos dos fortes eram guarnecidos de pedra e pelo menos três posições eram poderosos fortes, defendidos por canhões que chegavam aos 50, e por vários milhares de soldados. Estas posições foram posteriormente fortalecidas pela utilização da área vizinha. As estradas de acesso às Linhas foram cortadas e barricadas; os vales foram inundados ou bloqueados com abatizes (com troncos de árvores); os montes foram escarpados; abriram-se trincheiras; arrasaram-se encostas rochosas de modo a transformarem-se em íngremes precipícios; fizeram-se represas nos rios para inundar os vales; procedeu-se a cortes de árvores que impediam a visão; e minaram-se pontes. Construíram-se estradas secundárias, muitas vezes sobre pedra, ao longo e entre as duas primeiras

avant de terre a redouter pour la ville,” 14 April 1808, X, 133-49; António Pedro Vicente, *Le Génie au Portugal sous l’Empire* (Lisbonne, 1984), pp. 174-76.

⁸ Ibid., Wellington’s Dispatches, Wellington to Fletcher, 20 October, 1809, V, 234-39.

⁹ Donald D. Horward, “Wellington, Berkeley, and Seapower: In Defense of Portugal, 1810-1812, in *The British Historical Society of Portugal: Eighteenth Annual Report and Review*. 1992, 18 (1991).

¹⁰ Jonh T. Jones, *Memoranda Relative to the Lines Throw up to Cover Lisbon* (London, 1829); Donald D. Horward, ed., trans., annot., *The French Campaign in Portugal: an account by Jean Jacques Pelet, (1810-1811)* (Minneapolis, 1973), 222-78; A. H. Norris, Robert W. Bremner, *The Lines of Torres Vedras* (Lisbon, 1980).

linhas, de modo a facilitar o rápido movimento de tropas e de artilharia; e vários postos telegráficos foram montados por homens da esquadra do Tejo¹¹.

As Linhas começaram antes do final de 1809. Sob a supervisão dos engenheiros portugueses e britânicos, cerca de 7000 trabalhadores, juntamente com um grande número de milícias e com várias unidades de ordenança, trabalharam afincadamente mês após mês, em total segredo, para acabarem os fortes antes que o inimigo chegasse às portas da capital. Impressionantes ruínas do que foi feito ainda podem ser vistas hoje em muitos lugares.

A par da construção das Linhas de Torres Vedras, que foi o ponto central da sua estratégia, Wellington adoptou um plano radical para mobilizar toda a nação. Depois de integrar os regimentos britânicos e portugueses num só exército de mais de 60000 homens, mobilizou as milícias e nomeou a maior parte delas como guarnição militar nas numerosas fortalezas e cidades do reino¹². Wellington também utilizou uma antiga lei do reino, análoga à francesa “levée en masse”, que activou a ordenança. Com efeito, estas tropas eram forças de guerrilha controladas por um comando e compostas por adolescentes e homens robustos com a idade dos 16 aos 60 anos. O que se esperava deles é que atacassem pequenos grupos isolados de tropas inimigas, cortando as suas comunicações, perseguindo os bandos que andavam ao saque, matando aqueles que ficavam para trás, e causando geralmente muitos estragos e destruição¹³.

Para impedir o avanço dos invasores, Wellington ordenou que as estradas e pontes fossem destruídas nas áreas ameaçadas, e abriram-se trincheiras para retardar o inimigo; as fortalezas fronteiriças - Almeida e Elvas - foram fortificadas com reforços, provisões e armamento; fez-se uma lista dos barcos nos rios e colocados sob o controlo das autoridades locais; e todas as pontes sobre o Tejo, rio acima, numa área de 150 milhas foram desmanteladas; todos os meios de transporte, carroças e outros, foram retirados da zona por onde se previa a invasão¹⁴.

Contudo, foi a Proclamação ao Povo de Portugal que estabeleceu a “política de terra queimada” como parte da sua estratégia. Consciente do sofrimento causado pelo aparecimento das tropas francesas em Portugal, declarou: “Os portugueses vêm agora que não têm nenhum outro remédio para o mal que os ameaça, senão a determinação para a resistência. Resistência e determinação para tornar o avanço do inimigo o mais difícil possível, tirando-lhe do caminho tudo o que é valioso ou que possa contribuir para a sua subsistência ou para frustrar o seu progresso”¹⁵. E ameaçou: “Se qualquer dos habitantes tiver qualquer contacto com os inimigos, será enforcado”¹⁶. Wellington ficou satisfeito face à reacção dos cidadãos

¹¹ Ibid.

¹² England, Public Record Office, Stuart de Rothesay Papers, (hereafter cited as Stuart Papers), 342/19, Mappa Geral em resumo da Força armada em todo o Rein em mez du Abril de 1810”. O exército português, de acordo com este documento, incluía 51,280 tropas de linha, 54, 229 milícias, e 329,016 Ordenanças.

¹³ Wellington’s Dispatches, Wellington to Leite, 28 de Fevereiro de 1810, V, 529-30, 534-36, VI, 419-20, 464-65.

¹⁴ Ibid., Wellington to Beresford, 23 January 1819; Wellington to Bacellar, 26 January 1810; Wellington to Hill, 27 February 1810, V, 436-37, 457-58, 528-29.

¹⁵ Ibid., “Proclamation to the People of Portugal”, signed Wellington, 4 August 1810, VI, 329-30.

¹⁶ Ibid., Wellington to Cotton, 4 Agosto 1810, VI, 324.

portugueses e disse com ostentação: “O país está feito num deserto e por detrás de cada muro de pedra os franceses encontrarão um inimigo”¹⁷.

Com este plano, Wellington foi transformando o Portugal central num inferno vivo para os franceses. Os obstáculos criados por Wellington podiam não sustentar o inimigo, mas provocariam enormes dificuldades. Se os franceses superassem cada um destes obstáculos, seriam confrontados com o último e mais importante desses mesmos obstáculos - as Linhas de Torres Vedras!

Wellington considerava estas Linhas muito mais do que uma defesa para Lisboa. Numa carta para Forjaz verdadeiramente notável, revelou, numa única frase, a sua última estratégia, não só para Portugal e para a Península Ibérica, mas também para toda a Europa: “Creio firmemente que ao sermos capazes de continuar a guerra na Península portuguesa e espanhola, a Europa não será perdida; e também creio que, se formos capazes de nos mantermos em Portugal, a guerra não terminará na Península”¹⁸.

Com um plano tão drástico para a defesa do reino, a oposição portuguesa reagiu imediatamente. Liderada por José António de Menezes e Sousa, conhecido por Principal Sousa, e por António de Castro, Patriarca (de Lisboa), uma facção de grande influência no governo português denunciou a estratégia da “terra queimada” de Wellington, exigindo que as fronteiras do reino fossem defendidas.

Na verdade, muitos patriotas portugueses estavam convencidos de que o governo britânico se estava preparando para sacrificar Portugal para os seus próprios interesses. Por esta razão, Sousa e Castro travaram uma violenta guerra de palavras com o representante britânico no Conselho de Regência, o embaixador Charles Stuart, sobre a estratégia de Wellington, sobre a reforma administrativa e dos impostos, sobre o pagamento demasiado baixo do subsídio e sobre a interferência nos assuntos domésticos de Portugal. Wellington teve a sorte de ser apoiado por Forjaz, Secretário do Conselho de Regência, que compreendia a realidade da situação e defendia os seus planos de acção, embora houvesse grandes dificuldades. Forjaz foi, na verdade, um dos grandes heróis da Guerra Peninsular, embora seja pouco conhecido fora do seu próprio país¹⁹.

Wellington usou toda a sua influência para debilitar a oposição, especialmente depois da queda da portuguesa fortaleza fronteiriça de Almeida. Com toda a firmeza, declarou a Forjaz: “Não tenciono alterar o sistema e o plano de operações que foram determinados, após muito e muito séria ponderação”²⁰. No mesmo estilo, escreveu a Stuart: “Parece que o senhor tem travado uma luta bem viva com o governo português sobre o nosso plano de operações. Eles acabarão por me forçar a pô-los de parte e, então, é que eles vão ver como é o bem que passam. Verificarão, então, que serei eu sozinho a manter as coisas no seu estado actual”²¹.

¹⁷ Ibid., Wellington para Henry Wellesley, 20 Agosto 1810, VI, 373-75.

¹⁸ Ibid., Wellington para Forjaz, 8 Março 1810, V, 556-59.

¹⁹ Francisco de la Fuente, “Dom Miguel Pereira Forjaz: His Early Career and Role in the Mobilization and Defense of Portugal during the Peninsular War, 1807-1814”, (Ph.D. Thesis, Florida State University, 1980).

²⁰ Ibid., Wellington to Forjaz, 6 September 1810, VI, 408-9.

²¹ Wellington’s Dispatches, Wellington to Stuart, 11 September 1810, VI, 427-30.

A par dos problemas estratégicos, Wellington enfrentou sérios problemas económicos. Precisava de assegurar o apoio financeiro de Portugal para o esforço da guerra. Exercendo um poder quase absoluto, Wellington exerceu pressão sobre o governo português, geralmente através de Charles Stuart, para forçar no reino uma mudança económica, política, social e militar, dando assim capacidade aos portugueses para fornecerem fundos adicionais para a guerra. Além de ameaçar não continuar a conceder o subsídio, manifestou a intenção de retirar imediata e totalmente o exército britânico. “A não ser que eles (portugueses) adotem um novo procedimento”, assegurou a Stuart, “expressarei com firmeza a minha opinião ao nosso governo de que a guerra não pode continuar enquanto as coisas se mantiverem como estão”²². Durante vários anos, Wellington utilizou várias formas de pressão, tanto subtis como políticas, para forçar uma reforma económica e aumentar o apoio financeiro português.

Wellington também enfrentou a oposição de várias facções no governo britânico. Profundamente consciente da insuficiência do subsídio britânico de 980.000 libras por ano para manter em campo 30.000 militares portugueses, continuou a pressionar o governo, em especial Lord Liverpool, para aumentar o subsídio. No entanto, foi só depois da comunicação de Wellington de que 14.000 portugueses estavam “literalmente a morrer à fome” e a morrer sem os mais indispensáveis medicamentos por falta de dinheiro²³, é que um governo embaraçado aumentou o subsídio para 2.000.000 de libras, em 1811²⁴. Assim, ao exercer significativa influência, quer sobre o Conselho de Regência de Portugal quer sobre o governo britânico, Wellington pôde aumentar a contribuição financeira portuguesa e duplicar o subsídio britânico²⁵.

A oposição na Inglaterra à estratégia de Wellington centrava-se na possível derrota do último exército da Grã-Bretanha. Lord Liverpool, atormentado perante a visão da retirada desastrosa de Sir John Moore em 1809, estava determinado a garantir a segurança do exército de Wellington. Durante quase meio ano questionou Wellington sobre a altura certa para evacuar o exército, não de São Julião por detrás das Linhas como Wellington tinha planeado, mas de Peniche, sessenta milhas a norte da capital²⁶. É evidente que tal plano diminuiria o valor das Linhas de Torres Vedras, chave da estratégia de Wellington.

Apoiado pela esquadra do Almirante Berkeley e por uma vasta frota de navios de transporte, ancorados no Tejo, Wellington procurou tranquilizar Liverpool, mas o ministro era uma pessoa difícil de levar. Mesmo depois do Rei Jorge III ter sancionado a estratégia de Wellington, Liverpool continuou a expressar sérias dúvidas quanto à segurança do exército. Evocava os comentários do falecido herói, Sir John Moore, que afirmava que Portugal era indefensável. Wellington admitiu: “Tenho tanto respeito como qualquer homem pode ter pela opinião e pensamento de Sir John Moore...mas ele seguramente não percebia

²² Ibid., Wellington to Stuart, 27 December 1810, VII, 79-80.

²³ Ibid., Wellington to Richard Wellesley, 26 January 1811, VII, 191-96.

²⁴ Arthur Wellesley, *Supplementary Despatches of Field Marshal Arthur Duke of Wellington*. K. G. (London, 1858-72), Memoranda on British Aid to Portugal, 1809 to 1812, March 1813, VII, 593-94; Stuart Papers, 342/12 Liverpool to Wellington, 6 March 1811.

²⁵ Donald D. Horward, “Economics at War: The Transformation of the Portuguese Economy and Social Struggle during the Peninsular War (1807-1814)”. Unpublished paper presented at the Eighth International Congress of Economic History, Budapest, Hungary, 17-21 August 1982.

²⁶ *Supplementary Despatches*, Liverpool to Wellington, 13 March 1810, VI, 493-94.

nada de Portugal, e não podia saber nada da sua situação actual”²⁷. No entanto, as preocupações de Liverpool persistiram, até que o sucesso da estratégia de Wellington se tornou uma realidade.

Enquanto Wellington defendia o seu plano contra opositores, tanto na Inglaterra como em Portugal, Napoleão nomeou o seu mais distinto comandante, Marechal André Massena, para comandar um exército para invadir Portugal, para “lançar ao mar o leopardo britânico”. Em Abril, foi criado o Exército francês de Portugal, e no espaço de um mês, um Massena, hesitante e fisicamente exausto, assumiu o comando de 65.000 homens perto da fronteira portuguesa. Massena podia ter alegado uma razão qualquer para justificar a conquista das fortalezas fronteiriças de Ciudad Rodrigo e de Almeida, e de ter invadido Portugal logo em Junho²⁸, mas Napoleão, ignorando o seu próprio compromisso de flexibilidade estratégica, havia determinado: “O Verão deve ser passado conquistando Ciudad Rodrigo e só depois Almeida, e a campanha deve ser metodicamente conduzida com regras”²⁹.

Esta decisão foi preciosa para Wellington e para os portugueses que aproveitaram o Verão para completar as Linhas e para mobilizar o reino. Antes de Massena ter capturado as fortalezas e feito preparativos para a campanha, já tinham passado quase quatro meses. Quando o exército francês partiu finalmente de Almeida a 15 de Setembro, tomou a estrada a norte do rio Mondego em direcção a Viseu e Coimbra para evitar a posição aliada de trincheiras em Ponte de Murcella. Marchando 120 milhas em dez dias através dos campos devastados e abandonados, o exército chegou à importante Serra do Buçaco, onde a força Anglo-Portuguesa de Wellington estava concentrada. Numa violenta batalha travada a 27 de Setembro, os franceses foram repelidos com quase 5.000 baixas, enquanto as perdas aliadas foram menos de 1.300 homens. Apesar da vitória dos aliados, a cavalaria de Massena descobriu uma estrada para Boialvo e atacou de flanco a posição de Wellington, forçando a sua retirada imediata em direcção a Lisboa. Esta batalha não fazia parte da estratégia de Wellington para a defesa de Portugal, mas ele combateu na esperança de segurar o inimigo e assim salvar a parte mais importante de Portugal da morte e destruição trazidas pelo invasor³⁰.

De acordo com a estratégia de Wellington, o exército aliado retirou-se em direcção a Lisboa, arrastando o exército francês para junto das Linhas de Torres Vedras, onde 30.000 defensores portugueses esperavam em 247 canhões entrincheirados. Além disso, o Almirante Berkerley permanecia no porto de Lisboa com a sua esquadra e com bem mais de 250 navios de transporte prontos para evacuarem todo o exército anglo-português, se necessário³¹. Wellington, no entanto, estava confiante. Fez ao seu irmão Henrique um espantoso vaticínio: “ Faremos a nossa retirada para as posições em frente de Lisboa sem muita dificuldade ou sem qualquer baixa. A minha opinião é de que os franceses estão numa situação crítica. Não

²⁷ *Wellington's Despatches*, Wellington to Liverpool, 2 April 1810, VI, 5-10.

²⁸ France, Archives de Massena, Massena to Joseph, 17 May 1810, LI, 121. The author is pleased to recognize the aid of Victor Andre Massena, 7th Prince d'Essling who made his family archives available.

²⁹ *Correspondance de Napoléon Ier*, No. 16519, Napoleon to Berthier, 29 May 1810, XX, 447-49.

³⁰ Donald D. Horward, *The Battle of Bussaco: Masséna vs. Wellington* (Tallahassee, 1965), pp. 142-44.

³¹ Donald D. Horward, “Admiral Berkeley and the Duke of Wellington: The Winning Combination in the Peninsula”, in *New Interpretations in Naval History* (Annapolis, 1989), pp. 113-14.

são um exército suficientemente forte para atingirem o seu objectivo... e verificarão que a sua retirada deste país será uma operação difícilíssima e perigosíssima³².

Como as tropas britânicas e portuguesas de Wellington retrocederam em direcção à capital portuguesa, o seu engenheiro-chefe, Fletcher, alertou o Capitão John Jones para a vigilância das Linhas: “As presentes circunstâncias parecem tornar necessário que todas as precauções devem ser tomadas para que tudo o que se contruiu seja imediatamente ocupado e defendido”³³.

Entretanto, o avanço francês era feito com grandes dificuldades e muito sofrimento; contudo, cada obstáculo era superado. À medida que se aproximavam da capital, as tropas francesas convenceram-se de que os britânicos tinham já começado a embarcar no porto de Lisboa³⁴. A 7 de Outubro travou-se uma pequena, mas importante batalha, precisamente quando as pesadas chuvas de Outono começavam a cair. Nos três dias seguintes, a luta intensificou-se, à medida que os franceses se aproximavam de Lisboa. A sua força anímica crescia. Ao mesmo tempo, os 60.000 homens de Wellington entravam nas Linhas com fraco toque de trombetas e ocuparam posições-chave ao longo da primeira Linha³⁵. Quando os franceses chegaram aos importantes montes a norte de Lisboa, aperceberam-se das posições fortificadas. Impossibilitados de avançar devido ao fogo da artilharia aliada, a cavalaria francesa realizou um reconhecimento em direcção às principais posições aliadas perto de Sobral. Tiveram de parar pelo que lhes parecia ser um exército completo. Podiam ver os defensores de Wellington no Sobral e nos montes em redor, bem como uma vasta rede de fortes que se estendiam em direcção ao oceano, com infantaria e cavalaria colocadas entre eles³⁶.

Na manhã seguinte, 12 de Outubro de 1810, Massena lançou um ataque ao Sobral. A aldeia foi capturada após uma dolorosa luta casa a casa. Massena, surpreendido pela forte resistência aliada, começou a concentrar as suas forças para uma batalha maior³⁷. Naquela noite, Wellington reuniu 30.000 homens nas proximidades do Sobral e uma rápida e violenta descarga de artilharia provocou 300 baixas³⁸.

Depois destes combates, Massena e o seu estado-maior começaram a compreender as ramificações da estratégia de Wellington, que, de acordo com o primeiro ajudante-de-campo, Jean-Jacques Pelet, eles “tinham desprezado até então”. Massena reconheceu: “Tínhamos sido levados, seguindo as pegadas do exército inglês, até esta área inacessível, onde eles podiam enfrentar os nossos esforços e o nosso engenho durante muito tempo.” Na verdade, “As destruições selvagens que o inimigo fez reforçaram a nossa ignorância, pois parecia que não teriam sido eles a causar tanta destruição num país, que queriam salvar”³⁹.

³² *Wellington's Dispatches*, Wellington to Henry Wellesley, 3 October 1810, VI, 483.

³³ John T. Jones, *Journals of the Sieges Carried on by the Army under the Duke of Wellington... also Memoranda Relative to the Lines thrown up to cover Lisbon in 1810* (London, 1846), Fletcher to Jones, 30 September 1810, III, 234.

³⁴ Andre Delagrave, *Mémoires du Colonel Delagrave*. Ed. Edouard Gachot (Paris, 1902), p. 94.

³⁵ Donald D. Horward, “Masséna and Wellington on the Lines of Torres Vedras”, in *New Light on the Peninsular War: Selected Papers given at the International Congress on the Iberian Peninsula, 1780-1840* (Lisbon, 1992).

³⁶ France, Archives de la guerre, Service Historique de l'Armée, Vincennes, Correspondance: Armée de Portugal, Fririon to Junot, 1810, Carton c7 10 ; François-Nicolas Fririon, *Journal historique de la campagne de Portugal...* (Paris, 1841), pp. 81-82.

³⁷ *Ibid.*, “Ordre du marc, 11 October 1810, Carton c7 10.

³⁸ *Wellington's Dispatches*, Wellington to Spencer, 11 October 1810; Wellington to Stuart, 12 October 1810, Wellington to Murray, 12 October 1810, VI, 505-9; Delagrave, *Mémoires*, pp. 96-98; Fririon, *Journal historique*, pp. 85-86.

³⁹ Horward, *Pelet*, p. 222.

Então, o génio da estratégia de Wellington tornou-se claro. Os franceses ficaram estupefactos pela magnitude das Linhas. Como Pelet registou no seu diário: “ A primeira notícia das enormes Linhas inglesas (cinco dias antes) não nos causou uma muito grande impressão; contudo, tudo era diferente da experiência que tínhamos tido noutros lugares. As Linhas eram de uma tal natureza extraordinária que eu ousou dizer que não houve nenhuma outra posição no mundo que se pudesse comparar a elas.” E lamentava-se: “ Orgulhosos, podíamos ter procurado nas nossas memórias e experiências exemplos ou crónicas de situações semelhantes. Encontrámos apenas esta máxima: “ Em guerra deve-se prever, estar na expectativa e proteger contra tudo”⁴⁰.

Massena e o seu estado-maior fizeram várias vezes um reconhecimento das Linhas, procurando em vão um ou outro ponto que fosse vulnerável para permitir um ataque. A 14 de Outubro lançaram um ataque apenas para serem obrigados a recuar com 100 baixas. Rapidamente se tornou evidente a Massena e ao seu estado-maior que era impossível romper as Linhas. Um Pelet desalentado reconheceu que os aliados tinham concebido uma defesa completa para este país e que a tinham realizado totalmente para vantagem sua. A capital era o mais importante para eles e ao preservá-la tinham preservado tudo ... Era muito difícil, se não mesmo impossível, forçar as Linhas sem perder um tremendo número de soldados”⁴¹.

Que maior elogio podia ter sido dado à estratégia de Wellington do que este testemunho dado pelo seu inimigo?

Depois do ataque sem êxito de 14 de Outubro, Massena e o seu exército instalaram-se em frente das Linhas durante três meses e meio; no mesmo tempo, o exército aliado crescia em recursos, em número de homens aptos para o serviço militar, em confiança e em força anímica à medida que chegavam mais tropas vindas da Inglaterra. Finalmente, a 5 de Março, o exército francês, a sofrer ou a morrer de fome, sem reforços adequados e reduzidos a aproximadamente 42.000homens, começou a sua retirada para a fronteira espanhola. Depois da retirada de Massena de Portugal, as tropas francesas nunca mais voltariam a entrar em território português. Libertado o reino, Wellington e o seu exército anglo-português, operando a partir do seu santuário em Portugal, estavam livres para o ataque a Espanha, levando ajuda e conforto ao desalentado povo espanhol. Entre 1811 e 1813, o exército anglo-luso tomou a iniciativa de atacar e levou a cabo uma série de incursões em Espanha, primeiro, atacando guarnições e divisões do exército isoladas, e depois, exércitos completos. Em 1812 um exército francês foi esmagado em Salamanca e as forças de Wellington libertaram Madrid por algum tempo. No ano seguinte, os franceses foram decisivamente derrotados em Vitória e empurrados através dos Pirinéus para Toulouse, onde a Guerra Peninsular chegou ao fim.

Considerando a defesa de Portugal e a posição fundamental da Península, a estratégia abrangente de Wellington, assente nas Linhas de Torres Vedras, demonstrou ser imbatível na sua concepção e implementação. Apesar de sérias e constantes pressões da oposição em Portugal, em Espanha e na Inglaterra, e também dos exércitos franceses, Wellington manteve-se inabalável. Tirando proveito de todos os recursos do povo português e do seu Governo, e também das forças terrestres e navais britânicas, apoiado

⁴⁰ Ibid., pp. 222-224.

⁴¹ Ibid., p. 234.

pelo ouro inglês, a sua decisão de organizar as Linhas de Torres Vedras como chave da sua estratégia foi aquela que se provou ser a decisão certa. Além disso, é também evidente que o povo português representou um papel pivot no sucesso aliado. Não só levou o seu país a uma consideração sem paralelo na Europa, como também as suas tropas, constituindo metade do exército de Wellington, representaram um importante papel na reconquista de Espanha e na invasão da França. Sem dúvida, foi a força de vontade, o empenhamento e a perseverança do povo e do Governo portugueses que permitiram que Wellington sobrevivesse na Península.

Deliberadamente subordinaram os seus interesses à estratégia destruidora mas bem sucedida de Wellington; conseqüentemente, tiveram a satisfação de saber que os seus esforços e sacrifícios foram um factor crucial para assegurar a sua liberdade.

Embora poucos tenham reconhecido o significado das Linhas e o combate no Sobral, as Linhas de Torres foram o ponto de viragem na onda da expansão francesa. Depois do Sobral, os exércitos de Napoleão nunca mais voltaram a ter a iniciativa na luta Peninsular, que se traduziu na vida de 300.000 franceses.

No contexto da luta europeia, a resistência bem sucedida de Wellington e o povo português, secundados pelo longo sofrimento espanhol, forçaram Napoleão a empenhar quase meio milhão de homens numa brutal guerra em duas frentes, o que minou a força do seu império. Entretanto, os outros inimigos da França tiveram a oportunidade de reparar as suas perdas, formar as suas coligações, capitalizar a sua superioridade numérica e desenvolver uma estratégia vencedora. Sem a Guerra Peninsular, isto não teria sido possível.

Na verdade, é impensável que a Áustria tivesse declarado guerra à França em 1809, ou que Alexandre I da Rússia tivesse prosseguido uma política estrangeira que levava à invasão da Rússia, se a elite dos exércitos de Napoleão não fossem completamente derrotados na Península. Assim, com Portugal como chave da sua estratégia e com a Espanha como o pântano onde os exércitos franceses se atolaram, os aliados ganharam a Guerra Peninsular e influenciaram directamente o fim das Guerras Napoleónicas.